

Capítulo 1

QUANDO ESTOU CORRENDO, praticamente consigo sentir meu pai ao meu lado.

Ele se foi há seis anos, mas todas as vezes que amarro o cadarço, e a sola do meu tênis atinge o chão, é como se ele estivesse bem ali. Consigo senti-lo conversando comigo sobre a força que tenho dentro de mim e dizendo que serei uma atleta profissional quando crescer. Em parte, isso explica por que eu gosto tanto de correr — explica por que estou correndo agora, me esforçando um pouco mais que o normal para ganhar esta corrida.

Esta não é uma corrida qualquer — é a final do campeonato nacional do acampamento de verão da USC. Todos os que venceram essa corrida nos últimos sete anos conseguiram uma bolsa de estudos integral na faculdade. Como a USC é a única faculdade que considerei frequentar, pretendo vencer esta competição.

E como o corredor mais próximo está a quase cinquenta metros atrás de mim, nem estou preocupada.

Já consigo ver a linha de chegada. Dúzias de pessoas aguardam — técnicos, treinadores da faculdade, gente do

acampamento que competiu nas provas mais curtas, pais, amigos. Quando me aproximo, vejo Nola e Cesca — minhas duas melhores amigas — torcendo como loucas. Elas nunca deixam de ir às minhas corridas.

Estou me aproximando dos últimos vinte e cinco metros. Vinte metros.

A vitória é certa. Diminuo um pouco meu ritmo, não exatamente desacelerando, mas relaxando o suficiente para deixar que meu corpo comece a se recuperar.

É quando vejo a minha mãe.

Ela está ao lado de Nola e Cesca, sorrindo como eu nunca a tinha visto sorrir — pelo menos não nos últimos seis anos.

Por que ela está aqui?

Não que minha mãe não costume assistir às minhas corridas, mas ela não deveria estar aqui desta vez. Ela deveria estar na Grécia, encontrando os parentes do meu pai em uma gigantesca reunião de família enquanto eu estava no acampamento. Acredite: escolher entre correr oito horas por dia e passar uma semana com o meu primo esquisito, Bemus, não era uma decisão difícil. Conhecê-lo uma vez foi o bastante.

Até consigo entender por que ela resolveu voltar para casa dois dias antes do planejado.

Então, de repente, cruzo a linha de chegada e todos estão ao meu redor, comemorando e me dando parabéns. Nola e Cesca abrem espaço na multidão e pulam para me dar um abraço.

— Você é uma superestrela — grita Cesca.

É tanto barulho que eu mal consigo ouvi-la.

— Tem alguma coisa que você não consiga fazer? — pergunta Nola. — Você acabou de vencer as melhores do país.

— Você é a melhor do país! — completa Cesca.

Eu abro um sorriso. Uma menina poderia ter amigas melhores?

A corredora seguinte cruza a linha de chegada e algumas pessoas na multidão vão parabenizá-la. Agora que não tem tanta gente em volta, vejo o treinador Jack esperando para falar comigo. Como ele é a minha passagem para a USC, me desvencilho do nosso abraço coletivo.

— Oi, treinador — digo, com a respiração voltando ao normal.

— Parabéns, Phoebe — diz ele no seu tom grosseiro característico. — Nunca tinha visto alguém vencer com tanta determinação. Ou facilidade.

Ele balança a cabeça, como se não entendesse como eu tinha conseguido fazer aquilo.

— Obrigada.

Minhas bochechas ficam vermelhas. É claro que ao longo da minha vida já tinham me dito que eu possuo um talento especial para correr — meu pai, minha mãe, meus amigos —, porém parece muito mais real quando o elogio vem do principal treinador do time nacional da USC. Há rumores de que ele vai treinar o próximo time olímpico.

— Vou colocar você no topo da lista para o próximo ano — diz ele. — Se continuar indo às aulas e continuar com um bom desempenho nas corridas, a bolsa é sua.

— Uau, eu... — Balanço a cabeça, empolgada demais por estar tão perto de tudo o que sempre quis. — Obrigada, treinador. Não vou decepcioná-lo.

E então ele sai para falar com os outros corredores que agora estão amontoados depois da linha de chegada. Eu me

viro para procurar pela minha mãe, ela está bem atrás de mim, ainda sorrindo. Mergulho em seus braços.

— Mãe — digo meio chorando quando ela me aperta num abraço. — Achei que você não fosse voltar antes de terça-feira.

Ela me aperta com mais força.

— Decidimos voltar antes.

— Decidimos? — pergunto, inclinando o tronco para trás para vê-la melhor.

Minha mãe fica corada — vermelha mesmo — e me solta. Ela estende a mão ao lado do corpo, como se estivesse procurando por alguma coisa para segurar.

Fico olhando sem expressão quando outra mão, nitidamente a mão de um homem, encontra a dela.

— Phoebe — diz ela, a voz cheia de uma animação quase infantil —, aqui está alguém que eu gostaria que você conhecesse.

Meu coração dá um pulo. De repente, tenho um péssimo pressentimento sobre o que ela vai dizer. Ali estão todos os sinais: o rubor, os sorrisos e a mão masculina. Mas, ainda assim, tento não tirar conclusões precipitadas. Quero dizer, minha mãe não é do tipo que namora. Ela é... mãe.

Ela passa as noites de sexta-feira assistindo a filmes comigo ou debruçada sobre as fichas dos seus pacientes da terapia. Ela só se importa comigo e com o trabalho dela. Nessa ordem. Não tem tempo para homens.

O sujeito que está conectado àquela mão masculina chega mais perto da minha mãe.

— Este é Damian.

Ele não é feio, se você gosta de caras mais velhos; tem cabelos escuros e alguns fios brancos nas têmporas. A pele é

bronzeadas, fazendo com que seu sorriso pareça muito mais branco. Na verdade, ele parece ser um cara legal. Então, sério, eu provavelmente gostaria dele se não estivesse colado na minha mãe.

— Eu e ele vamos... — Minha mãe dá uma risadinha; uma risadinha de verdade! — Nós vamos nos casar.

— O quê? — perguntei.

— É um prazer conhecer você, Phoebe — diz Damian com um leve sotaque, soltando a mão da minha mãe e estendendo a própria para me cumprimentar.

Fico encarando a mão dele.

Isso não pode estar acontecendo. Quero dizer, desejo ver minha mãe feliz e tudo o mais, só que como ela pode ter ido para a Grécia e seis dias depois voltar com um noivo? Aquilo é exemplo de comportamento maduro?

— Você vai o quê? — repito.

Quando percebe que não vou cumprimentá-lo, Damian põe o braço sobre o ombro da minha mãe. Ela praticamente derrete ao lado dele.

— Nós vamos nos casar — diz ela novamente, borbulhando de empolgação. — O casamento será na Grécia, em dezembro, mas faremos uma cerimônia civil aqui no próximo fim de semana, assim tia Megan e Yia Yia Minta poderão comparecer.

— No próximo fim de semana? — Estou tão chocada que quase não percebo o maior problema naquilo tudo. — Espere. Como você pode se casar fora do país em dezembro? Eu estarei na escola.

Mamãe escorrega o braço até a cintura de Damian, como se precisasse se aproximar ainda mais dele. O próximo passo vai ser enfiar a mão no bolso traseiro da calça dele. Nenhuma

garota deveria presenciar a própria mãe se comportando como uma adolescente.

— Essa é a melhor parte — diz minha mãe, a voz atingindo um nível histérico tamanha é a sua excitação. Instantaneamente sei que não vou gostar do que ela vai dizer. — Vamos nos mudar para a Grécia.



— Seja razoável, Phoebola — diz minha mãe, como se usar meu apelido pudesse fazer com que de repente eu me sentisse bem com aquilo tudo. — Não é o fim do mundo.

— Não? — pergunto, jogando tudo o que está dentro da gaveta do meu armário em uma bolsa.

Minha mãe se senta na cama de solteiro do dormitório do acampamento, que tem sido a minha casa nos últimos sete dias. Há vinte minutos minha vida era perfeita... estava tudo no seu devido lugar.

E agora eu simplesmente devo encaixotar minha vida toda e me mudar para o outro lado do mundo para que minha mãe pudesse continuar dormindo com um sujeito que ela só conhece há uma semana?

Parece o fim do mundo para mim, sim.

— Sei quanto você estava ansiosa para o último ano na Pacific Park — diz ela, entrando no modo terapeuta. — Mas acho que a mudança vai ser boa para você. Vai abrir seus horizontes.

— Eu não preciso abrir meus horizontes — respondo, pegando o travesseiro da cama e enfiando-o no meu porta-travesseiro estampado de listrinhas.

— Querida, você nunca viveu em outro lugar sem ser o sul da Califórnia. Você frequentou a escola com as mesmas pessoas a vida inteira. — Minha mãe põe a mão sobre o meu ombro quando me inclino para pegar o cobertor. — Tenho medo de que ir para a USC no próximo ano seja assustador para você.

— Não vai ser — insisto. — Nola e Cesca também vão para lá.

— Assim como milhares de outros alunos do mundo todo.

— Não significa que eu preciso ser do mundo todo também. Virando de costas para minha mãe, dobro o cobertor rapidamente e o jogo por cima do que havia na bolsa de viagem. Está tudo arrumado, mas ainda não estou pronta para ir embora. Não quando sei que *ele* está lá fora em algum lugar. Não quando meu mundo inteiro está desmoronando.

— Venha — diz ela, baixinho. — Sente-se.

Olho por cima do ombro e a vejo dando tapinhas na cama para que eu me sente.

Digo a mim mesma para manter a calma. Ainda é a minha mãe, afinal de contas. Normalmente ela é muito sensata... talvez entenda meu argumento. Preparada para discutir o assunto como uma adulta, eu me jogo ao lado dela.

— Mãe — digo, tentando soar o mais madura possível —, tem que haver outra maneira. Ele não pode se mudar para cá?

— Não — responde ela com um sorriso triste —, ele definitivamente não pode.

— Por que não? — pergunto. — Ele é procurado pela polícia ou algo assim?

Minha mãe me lança um olhar que diz “é claro que não”.

— O trabalho dele exige que continue na Grécia.

Trabalho! Aí está uma coisa que posso usar a meu favor.

— E o seu trabalho? A terapia? — Eu me aproximo dela.

— Você não vai sentir falta da sua dose diária de maluquice? — Não é um termo politicamente correto, eu sei, mas estou no modo totalmente desesperada.

— Sim, vou sentir falta.

— Então, por que você vai...

Ela me olha nos olhos e diz:

— Porque eu o amo.

Pelo que parece uma eternidade, nós duas simplesmente ficamos nos encarando.

— Bem, só não entendo por que eu preciso ir — digo. — Eu poderia ficar com Yia Yia Minta para terminar o ano letivo...

— De jeito nenhum — mamãe me interrompe. — Amo sua avó como se ela fosse minha própria mãe, mas ela não tem condições de tomar conta de você por um ano inteiro. Ela tem quase 80 anos. Além do mais... — Ela me dá um cutucão na costela. — Você odeia queijo de cabra.

— Eu sei, mas...

— Você é a minha garotinha. — O tom de voz dela é determinado. — E eu me recuso a perder você um ano antes do programado.

Ótimo. Minha mãe está ansiosa porque vamos nos separar quando eu for para a faculdade e por isso preciso mudar de hemisfério.

— Você está querendo destruir a minha vida? — pergunto, levantando e começando a andar de um lado para o outro no chão de linóleo. — O que aconteceu? As coisas estavam fáceis demais? Você ficou preocupada porque não sou uma adolescente problemática e você não pode trabalhar isso? Ou porque não vou precisar de terapia quando chegar aos 30?

— Não seja ridícula.

— Eu sou a ridícula? Não fui eu quem voou para uma reunião de família e voltou com um noivo a tiracolo... espere, ele não é da família, é? Isso seria mais do que *eca*, mãe.

— Phoebe. — A voz dela tem um tom de aviso, mas eu só estou me aquecendo.

— Já ouvi falar sobre esses casamentos europeus movidos por um impulso momentâneo. Tem certeza de que ele não está simplesmente usando você para conseguir um *green card*?

— Chega! — grita ela.

Congelo e a encaro. Uma mãe que é terapeuta não grita. Estou realmente encrencada.

— Damian e eu nos amamos. — Ela se levanta, encaixa o cobertor embaixo do braço e pendura a alça da minha bolsa no meu ombro. — Vamos nos casar no próximo fim de semana. Ele vai voltar para a Grécia. E, no fim do mês, você e eu nos mudaremos para Serfopoula.



— Quem já ouvir falar nesse lugar, afinal de contas? Serfopoula?
— pergunto enquanto ando para a frente e para trás ao pé da cama onde meu cobertor amarelo costumava ficar.

— Pense bem, Phoebe — diz Cesca. — Você vai poder treinar nas imaculadas areias brancas do mar Egeu azul-turquesa.

Certo, agora ela me pegou. Corridas na praia são o meu ponto fraco, mas isso definitivamente não é motivo suficiente para que a mudança valha a pena. Na Califórnia existem muitas praias.